

## **A Cuca vai pegar?** **Uma resenha sobre a série brasileira *Cidade Invisível***

Por Érika Sabino – NAC - Campus Aracruz<sup>1</sup>

As lendas folclóricas brasileiras sempre habitaram nosso universo infantil, seja através de histórias contadas oralmente, por meio da literatura de Monteiro Lobato ou na adaptação das narrativas do escritor para a televisão. As histórias dos principais personagens míticos de nosso rico e diversificado folclore eram amenizadas para possibilitarem a entrada dessas lendas no universo infantil. A Cuca do *Sítio do Pica Pau Amarelo* misturava a imagem de uma bruxa má com pitadas de comédia. Seu aspecto cômico proposital nos dava a certeza de que ela era uma antagonista ou uma vilã que não precisávamos temer tanto. Ela não ocupava nossos pesadelos. Talvez o medo da Cuca seja mais provocador na música de ninar da nossa tradição oral:

“Nana neném  
Que a Cuca vem pegar  
Papai foi na roça  
Mamãe foi trabalhar”

O tom ligeiramente ameaçador dessa canção só é eficiente para adormecer os bebês porque todo esse conteúdo é geralmente embalado pela voz doce dos pais ou de uma pessoa amada. Pois, quando a criança compreende a letra, enganosamente doce, ela não conseguirá dormir. Assim como temos dificuldade para dormir depois de assistir a um filme de terror. Já conhecemos filmes de suspense com palhaços assassinos e risinhos, com zumbis incansáveis, com vampiros sedutores, com psicopatas inteligentes e criativos e até com espíritos vingativos. Mas, será que nos acostumaríamos com um filme de suspense com personagens que há um tempo atrás habitavam as nossas histórias infantis e que embalavam nosso sono?

Essa foi a ideia do diretor Carlos Saldanha<sup>2</sup> para criar a série *Cidade Invisível* (2021). A produção da *Netflix* apresenta a história do personagem Eric (Marco Pigossi), um policial ambiental atormentado pela morte misteriosa da esposa, uma antropóloga que atuava em uma colônia de pescadores da região, a Vila Toré. O fato que provoca o

---

<sup>1</sup> A elaboração dessa resenha foi feita com a contribuição de Diwarian Pego, aluno egresso do Curso Técnico em Química.

<sup>2</sup> Carlos Saldanha é diretor e produtor brasileiro dos seguintes filmes de animação: *A Era do Gelo* (2002), *Robôs* (2005), *A Era do gelo 2* (2006), *A Era do Gelo 3* (2009), *Rio* (2011) e *Rio 2* (2014).

início da história é quando o corpo de um boto cor de rosa é encontrado pelo protagonista. Como policial ambiental, Eric leva o corpo do animal para perícia, mas ele desaparece. Tem início assim a narrativa dessa série brasileira que mostra a saga do personagem principal na busca de desvendar três mistérios: a morte da esposa, o mistério do boto cor de rosa e uma estranha conspiração para acabar com a vila dos pescadores, comunidade que a esposa estudava e defendia antes de morrer. Nessa busca, Eric enfrenta a contradição de viver entre o mundo da racionalidade e o mundo do fantástico. Apesar de seu ceticismo, o personagem não consegue evitar a interação com esse universo das lendas brasileiras e suas figuras instigantes.

O interessante dessa produção é que os personagens míticos do nosso folclore como a Cuca, a Iara, o Boto, o Curupira, o Saci e o Tutu vivem em um ambiente urbano, com nomes, roupas e vidas comuns. Por exemplo, a Cuca (Alessandra Negrini), figura mítica de origem ibérica é uma bela e poderosa mulher no mundo fantástico da série, mas é, ao mesmo tempo, dona de um bar no boêmio bairro da Lapa. Enquanto o Curupira (Fábio Lago) figura criada pela cultura indígena, é um cadeirante, decadente e desiludido que mora nas ruas da cidade.

Enquanto Eric busca a solução desses mistérios, o grupo de personagens míticos do folclore, liderados pela Cuca, enfrentam um outro desafio: lutam contra uma força misteriosa que busca o desaparecimento dessas lendas e histórias. Dessa forma, a narrativa nos mostra as duas ideias principais que permeiam a série: o progresso e a tradição. Carlos Saldanha atualiza o folclore brasileiro e o coloca em diálogo com questões contemporâneas como o meio ambiente e nos provoca a pensar: por que essas figuras míticas estão no espaço urbano, escondidas, esquecidas e vivendo à margem da sociedade e longe de seus locais de origem como as florestas e rios do nosso país? Por que o Curupira que segundo a lenda indígena é uma força da natureza responsável por proteger as florestas, não consegue cumprir a sua função mítica? Será que existe espaço para a Cuca e o Saci na nossa cultura tão desvalorizada, tão esquecida, tão invadida por culturas estrangeiras? Será que conseguiremos reconstruir a imagem dessas lendas em um universo adulto?

A série nos mostrou através de uma narrativa encantadora e uma ótima atuação do elenco, a riqueza de nossa cultura sob um outro ponto de vista, a partir de um outro gênero cinematográfico: o de suspense e de mistério. No entanto, os

aspectos positivos não silenciam as críticas. É importante ressaltar que a série tem sido muito comentada pela falta de representatividade dos povos originários, tanto na atuação quanto no processo criativo dessa produção. Esse aspecto é de suma importância, visto que, como grande parte dessas lendas e figuras míticas são retiradas do universo cultural dos indígenas, essa representatividade seria muito bem-vinda na segunda temporada, pois esse ponto de vista poderia enriquecer e aprofundar a narrativa e as questões ambientais tratadas na série, tão importantes no contexto atual do país.

Logicamente, as histórias de tradição oral que fazem parte do nosso folclore possuem várias versões que são alteradas de acordo com a região do Brasil ou com o encontro de culturas. Por exemplo, a lara, no folclore brasileiro, já influenciada pela cultura portuguesa, é uma linda indígena guerreira que provocava ciúmes nos irmãos e por esse motivo é jogada nas águas dos rios pelo pai, quando mata os irmãos para se defender. Lara foi salva pelos peixes e se transformou em uma sereia que protege os rios utilizando estratégias de sedução. Para os povos originários a lara é apenas um espírito encantado, protetor das águas, que não possui uma história de vida anterior, mas que após a morte se materializa nos elementos da natureza. Na série, temos uma licença poética: a lara é representada por uma mulher negra que havia sido morta pelo marido, esse aspecto físico da personagem pode ser explicado pelo fato de que em algumas regiões do país, essa figura lendária é associada à imagem de Iemanjá, orixá das religiões africanas, também protetora das águas.

O processo de transpor histórias da linguagem oral para a linguagem cinematográfica é sempre complexo, pode haver perdas, mudanças e o surgimento de novos olhares. Mas acredito que a proposta da série é importante, pois movimenta e atualiza essas histórias trazendo essas tradições para o debate na atualidade e a plataforma de *streaming* faz com que as figuras do nosso folclore atinjam outras culturas, outros pontos de vista. Vale a pena conferir essa série baseada nas lendas que surgiram da diversidade de vozes, das misturas de histórias e do encontro entre a cultura indígena, negra e europeia em nosso país.